



**FOLHA ESPÍRITA
FRANCISCO CAIXETA**
ASSOCIAÇÃO ESPÍRITA
OBRAS ASSISTENCIAIS FRANCISCO CAIXETA
ARAXÁ - MG

Janeiro/Fevereiro de 2022 nº102 Ano 17

CENTRO ESPÍRITA FRANCISCO CAIXETA
BIBLIOTECA IRMÃ INEZ
BANCA DO LIVRO ESPÍRITA CHICO XAVIER

Editorial

Lázaro vem nos elucidar, nas Instruções dos Espíritos no item 8, Cap. XI, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, intitulado “A Lei de Amor”. Revestido da autoridade moral, que só quem vivenciou possui, com todo o carinho nos chama a atenção para os ensinamentos de Jesus. “O amor resume toda a doutrina de Jesus, porque é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso realizado”. Se compreendemos e colocamos em prática esse sol interior, o qual nos faz amar ao próximo como a nós mesmos, assim como Jesus nos exemplificou, alçaremos voos mais altos. É interessante observarmos, que ele não disse que precisamos construir grandes obras, mas, amar. Amar dentro das quatro paredes de nosso abençoados lares; onde é a célula mater do amor. No cotidiano da rotina, no recesso de nossas casas, onde se encontra nossos maiores afetos e desafetos. Lugar abençoado e primeira escola no alvorecer da nossa encarnação. Onde mãos carinhosas nos ensinam as primeiras palavras e os primeiros passos. As almas boas e que se prontificaram a nos receber, os quais denominamos de pais, são os nossos primeiros mestres nessa existência. Se observarmos a trajetória deles na nossa infância, adolescência, juventude e até quando Deus os permitir, serão o porto seguro dos filhos queridos que tanto amam. São eles que nos preparam para termos uma existência vitoriosa. Na maturidade, adentramos na vida social, no trabalho, na profissão que escolhemos e aí vamos semeando, por onde passamos, a semente do amor. Como Lázaro disse com muita propriedade: “A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres e extingue as misérias sociais.” Que nós possamos, no campo da estrada redentora da nossa encarnação, semear, plantar e cultivar as virtudes que são os elos que nos levam ao objetivo maior que é o Amor. Que ao amanhecer de cada dia desta abençoada existência, possamos plantar caridade onde se encontrar o abandono; paciência onde tiver a intolerância; perdão para aqueles irmãos desavisados e amor para os rebeldes, que ainda persistem no ódio. Se trabalharmos nesse cultivo diuturnamente, no crepúsculo desta encarnação, teremos a felicidade de colhermos os frutos de termos auxiliado o Jardineiro Maior Jesus, no Jardim do Criador! Paz e bem!!!

Guerras

742. Que é que impele o homem à guerra?
“Predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e transbordamento das paixões. No estado de barbaria, os povos um só direito conhecem - o do mais forte. Por isso é que, para tais povos, o de guerra é um estado normal. À medida que o homem progride, menos freqüente se torna a guerra, porque ele lhe evita as causas, fazendo-a com humanidade, quando a sente necessária.”

743. Da face da Terra, algum dia, a guerra desaparecerá?

“Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Nessa época, todos os povos serão irmãos.”

744. Que objetivou a Providência, tornando necessária a guerra?

“A liberdade e o progresso.”

a) - Desde que a guerra deve ter por efeito produzir o advento da liberdade, como pode freqüentemente ter por objetivo e resultado a escravização?

“Escravidão temporária, para esmagar os povos, a fim de fazê-los progredir mais depressa.”

745. Que se deve pensar daquele que suscita a guerra para proveito seu?

“Grande culpado é esse e muitas existências lhe serão necessárias para expiar todos os assassínios de que haja sido causa, porquanto responderá por todos os homens cuja morte tenha causado para satisfazer à sua ambição.”

Allan Kardec

PARTE 3ª - CAPÍTULO VI
O Livro dos Espíritos

PROGRAMA ESPÍRITA ENTRE A TERRA E O CÉU

Aos domingos, às 8h, pelas ondas da
Rádio Imbiara de Araxá, 91,5 FM
e pela internet
www.radioimbiara.com.br



VEJA NESTA EDIÇÃO

Honar pai e mãe - p.2
Paranormalidade:
um fenômeno natural - p.4

Mais - p.7
Educar moralmente
na era da tecnologia - 8

HONRAR PAI E MÃE

Por Fábio Augusto Martins

“Honrai a vosso pai e a vossa mãe, a fim de viverdes longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.” (Decálogo: Êxodo, 20:12.)

Duas almas quando se comprometem uma vida existencial conjugal, traçam planos, sonhos, planejam e constituem uma família. Muitos casos, assim, acontecem em plena e dourada juventude. Com o propósito de atingirem o crepúsculo existencial, felizes conforme a relatividade em que o orbe terreno nos oferece, passam pelas fases naturais dos que pleiteiam a constituição de um lar. Se conhecem, enamoram, constituem-se um contrato matrimonial ou de união estável, pouco importa a forma. Enfim, chegam os filhos! Ah! Que alegria! A começar pelos preparativos para o tão esperado advento. O nascimento, a aurora existencial. Inicia-se, então, uma fase de renúncia, que acontecerá por vários anos, em muitos casos pela vida toda.

Os pais, normalmente, renunciam-se a própria existência para doar-se ao filhinho que, no alvorecer da existência, clama por cuidados de for-

ma integral. Seja durante o dia de sol ou chuva, seja durante a noite de céu estrelado ou na madrugada fria, ali estão os pais a renunciarem suas próprias vidas em prol dos filhos que acolheram com muito amor.

Os primeiros passos, que maravilha o caminhar, mas há aqueles que não têm a chance do ir e vir, pois a lei de causa e efeito é implacável. Mas, nesses casos, oremos para que em uma outra oportunidade existencial, eles possam bailar. Os que iniciam seu caminhar precisam de atenção dobrada, para não se machucarem, os que estão fadados à dependência, a atenção é quadruplicada. Seja na alegria, seja na tristeza a renúncia é inexorável.

Chega a idade de ir à escola à procura da educação formal. Os preparativos, os deveres de casa, os custeios, enfim, a renúncia continua. O sucesso dos filhos na escola são os sucessos dos pais. Mas, há aqueles que são especiais e que necessitam de cuidados também de igual teor. Aí a renúncia é maior. Em ambos os casos, o trabalho é fato, cada qual com a sua especificidade e intensidade; nas duas situações o amor estabelece a base sustentável dos laços afetivos.

Vem a pré-adolescência! Os hormônios a flor da pele. Uma fase não menos difícil que as anteriores, pois eles em qualquer lugar se sentem um peixinho fora d'água. E os pais ali estão prontos a oferecerem o colo amoroso e orientador.

Na adolescência, os cuidados intensificam. Diante do enfrentamento aos prazeres que a fase oferece, a renúncia continua. Este enfrentamento será mais ou menos doloroso para

os pais como tenham, na primeira infância, promovido o “dever de casa”, isto é, a famosa educação de berço.

Temos até os 7 anos¹ para darmos a devida direção aos nossos filhos ou àqueles cuja tutela estejam sob nossa responsabilidade. Não que com o passar do tempo não seja possível a correção do leme, mas fica cada vez mais difícil. O Espírito Santo Agostinho² instrui-nos: “Desde pequenina, a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz da sua existência anterior. A estudá-los devem os pais aplicar-se. Todos os males se originam do egoísmo e do orgulho.”

Já se passaram mais de vinte, trinta, ou mais anos. Eles levantam voos, como passarinhos que são libertos da gaiola. Muitas vezes, não retornam mais. Outras, voltam vez em quando. Mas, há aqueles, que mesmo após constituírem suas famílias, marcam a presença sempre. Parece que a renúncia terminou. Engana quem pensa assim, a preocupação continua. Depois de filhos, sempre filhos. O amor não tem limite!

Se os pais fazem tudo isso e muito mais, cujas mal traçadas linhas não conseguem retratar os argumentos necessários por meio desse texto, qual o proceder dos filhos perante o, inevitável, limiar do crepúsculo maternal e paternal? Como honrar pai e mãe? Será que dar-lhes o necessário após uma vida de dedicação e renúncia é o bastante? Qual o tempo devemos dedicar-lhes a atenção?

São vários os questionamentos que podemos fazer com relação ao proceder dos filhos em relação aos seus pais; aqueles que os embalarão noite adentro, *Continua...*



Folha Espírita Francisco Caixeta

Editado pela

Associação Espírita
Obras Assistenciais “Francisco Caixeta”

Grupo Editorial

Carlos Humberto Martins
Fábio Augusto Martins
Lívia Cristina Martins

Todos colaboram gratuitamente.

Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá-MG

Impressão:
Grupo editorial
Tiragem: Digital

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

sofreram centuplicadamente as suas dores em todas as fases de suas vidas. Como honrar pai e mãe? Eis a questão!

Allan Kardec³ nos elucida da seguinte forma: “O mandamento: ‘Honrai a vosso pai e a vossa mãe’ é um corolário da lei geral de caridade e de amor ao próximo, visto que não pode amar o seu próximo aquele que não ama a seu pai e a sua mãe; mas, o termo honrai encerra um dever a mais para com eles: o da piedade filial. Quis Deus mostrar por essa forma que ao amor se devem juntar o respeito, as atenções, a submissão e a condescendência, o que envolve a obrigação de cumprir-se para com eles, de modo ainda mais rigo-

roso, tudo o que a caridade ordena relativamente ao próximo em geral. Esse dever se estende naturalmente às pessoas que fazem as vezes de pai e de mãe, as quais tanto maior mérito têm, quanto menos obrigatório é para elas o devotamento. Deus pune sempre com rigor toda violação desse mandamento.”

Caro amigo leitor, a nossa responsabilidade para com nossos pais é imensurável. Tudo que fizermos por eles, sobretudo, quando suas forças não mais conseguem suprir suas necessidades na velhice, é pouco. Mas, honrar pai e mãe, então, está relacionado ao suprimento de suas necessidades ao fim existencial?

Meus irmãos de ideal espírita, honrar pai e mãe vai muito além de respeitá-los e atender às suas necessidades. É necessário também propiciá-los, sempre que possível, o “superfundo”, com carinho, com a presença, com as próprias mãos. Quando crianças, eles nos nutriam não apenas com o necessário, mas embalavam-nos com ternura, com gosto, com amor. Levavam-nos para passear, que seja na esquina, no vizinho, no parque, seja lá onde foi possível; contavam-nos histórias, brincavam conosco, dedicavam-nos o seu tempo. Sabemos, pois, que tudo isso relativo a cada circunstância, mas o papel de maternidade e paternidade passa por essas situações de uma forma ou de outra. Há casos de negligência paterna e materna, bem os sabemos, mas não cabem aos filhos o julgamento. Deixa isso para a lei divina.

Ah! Meu leitor amigo. Ai daqueles cuja ingratidão usurparam o bom senso, a razão e se deixaram serem inflamados pelo egoísmo, filho do orgulho.

Santo Agostinho⁴, em longa argumentação, inicia assim a sua instrução a nós outros: “A ingratidão é um dos frutos mais diretos do egoísmo. Revolta sempre os corações honestos. Mas, a dos filhos para com os pais apresenta caráter ainda mais odioso.” Realmente é revoltante quando deparamos com qualquer ingratidão, mas em se tratando de pais e mães deixados aos cuidados de outrem, por capricho, sem o carinho filial, o aconchego fraternal, a simples presença dos filhos, causa-nos uma indignação extrema.

Muitas são as justificativas. *Eu já constituí a minha família. Os meus afazeres tomam todo o meu tempo. Tenho trabalhado muito. Os cuidados de que necessitam são melhor atendidos por meio de profissionais qualificados.* São tantos os argumentos a justificar o egoísmo latente em nós.

Sabemos que são os inúmeros casos de que a atenção profissional qualificada é indispensável, mas não a única. Kardec³ assevera: “Honrar a seu pai e a sua mãe não consiste apenas em respeitá-los; é também assisti-los na necessidade; é proporcionar-lhes repouso na velhice; é cercá-los de cuidados como eles fizeram conosco na infância.”

Agostinho⁵ esclarece-nos: “De todas as provas, as mais duras são as que afetam o coração. Um, que suporta com coragem a miséria e as privações materiais, sucumbe ao peso das amarguras domésticas, pungido da ingratidão dos seus.”

Refletamos! Muita paz!

¹XAVIER, F.C. **O consolador**. Q. 109. Espírito Emmanuel. FEB.

^{2,4,5}KARDEC, A. **O evangelho segundo o espiritismo**. Cap. XIV. Honrai a vosso pai e a vossa mãe. Item 9 - Piedade filial. FEB.

³ Item 3. FEB.



**É necessário:
Ler Kardec!
Estudar Kardec!
Sentir Kardec!
Viver Kardec!**

ATIVIDADES DO CENTRO ESPÍRITA

“FRANCISCO CAIXETA”

Rua Cônego Cassiano, 802
38183-122 Centro Araxá/MG

Segunda-feira às 19h30

Reunião aberta ao público
O Livro dos Espíritos/Passes

Terça-feira às 19h15

Reunião fechada ao público
Reunião mediúnica

Quarta-feira às 19h30

Reunião aberta ao público
O Evangelho Segundo o Espiritismo/
Passes

Evangelização da infância e juventude

Quinta-feira às 19h15

Reunião fechada ao público
Reunião mediúnica

Sexta-feira às 19h30

Reunião aberta ao público
O Evangelho Segundo o Espiritismo/
Passes

Sábado às 18h

Grupo de Estudo das Obras de Kardec

Domingo às 18h

Reunião aberta ao público

Grupos de Estudos da Doutrina
Revista Espírita e Obras de André Luiz

•Salve o trabalho, viva o amor!•

Zequinha Ramos

PARANORMALIDADE: UM FENÔMENO NATURAL

Por Lindberg Garcia

“É uma verdade que os Espíritos se comunicam entre si enquanto um se acha no corpo e outro nas esferas elevadas... Antes de muito tempo, esta verdade será revelada em forma de demonstração viva” (Andrew Jackson Davis*).

Aparições de pessoas que voltam ao mundo físico, onde anteriormente viveram suas experiências na carne, é mais comum do que se possa crer. As manifestações dos Espíritos entre os homens, dando origem aos chamados fenômenos paranormais, espíritas ou mediúnicos, ocorrem desde quando o homem tomou consciência de si mesmo. Para que se tenha ideia da ancianidade desses casos, a própria Bíblia é pródiga em relatos de aparições daqueles que voltam de além-túmulo e interação com os vivos. Cito alguns desses fenômenos que poderão ser facilmente pesquisados pelo leitor amigo.

O Novo Testamento, documenta várias aparições, registradas em: Mateus, 17: 1 – 3 e, 28: 2 – 7; Marcos, 16: 4 – 7; João, 20: 11 – 13; Paulo, I Coríntios, 2: 10 – 11, e Atos, 12: 13 – 16; 5, 18 – 20; 6: 9 – 10; 8: 16 – 17: 10: 1 – 4; 10: 19 22, dentre outros.

No **Antigo Testamento**, vamos encontrar um dos mais notáveis e impressionantes registros relatado em: I Reis 28:7–5 e Samuel 28:7-20. Vamos a ele.

“Não muito depois de Moisés, por ordem do Rei Saul que havia, também ele, ordenado a expulsão de todos os que se comunicassem com os mortos” (I Reis 28: 3 e Samuel 28: 9). Aflito, Saul, em face de estar acossado por seus inimigos, procura a pitonisa de Endor e pede-lhe o trabalho mediúnico; ela prudente, faz observar o perigo de desobedecer à ordem real. Disse-lhe ela a Saul disfarçado: “- Por que me armas tu logo um laço à minha vida, para me matares?” Mas o angustiado Rei jurou-lhe “pelo Senhor” que “não te virá mal algum.” A médium pergunta-lhe: “Quem queres tu que te apareça?” E o consulente retruca: “Faze-me aparecer a Samuel” (que morrera algum tempo antes). Declara a Bíblia que o profeta evocado apareceu e falou com o aniquilado Saul: “E a mulher, tendo visto aparecer a Samuel, deu um grande grito...” assustou-se porque reconheceu o Rei que expulsara os médiuns e encheu-se

de temor. Mas este acalmou-a: “Não Temas”. Samuel esclarece rotundamente que Saul e seus filhos morreriam no dia seguinte, o que sucedeu logo em seguida.”

A visita dos chamados *mortos* ao mundo dos vivos, é um fenômeno mais comum do que possa parecer. Pessoas sérias, dignas de credibilidade e respeito, os relatam com abundância de detalhes terem presenciado e interagido com pessoas que voltaram de além-túmulo. Tais aparições, tratadas no ideário popular como “causos” de assombrações, nada mais são que meros fatos paranormais.

José Raul Teixeira, médium, escritor espírita, grande expositor da Doutrina dos Espíritos, em palestra no *You Tube*, Canal FEP, sob o tema, **A Morte Não Existe**, comenta fatos paranormais ocorridos na vida do grande escritor brasileiro, lexicógrafo, Silveira Bueno (20-08-1896/02-08-1989), que tomo a liberdade de narrá-los, conforme a seguir.

“Naquela noite chovia pesado em São Paulo. Numa fazenda, chamada Inferno do Monjolo Velho, a chuva caía rigidamente e a família se reunia na sala ampla da fazenda. A um canto, ouvindo o seu pai contar as histórias familiares, enquanto a mãe da família trabalhava em sua roca tecendo o fio. Era começo do século XX. E naquela altura, a fazenda que ficava localizada na região onde hoje, em São Paulo, é conhecida como Bairro do Braz. E naquela ocasião, dizia o pai da família contando aos seus filhos, a vida ali era muito pacata, que nada sacudia a morosidade da pachorra da vida no Inferno do Monjolo Velho. Ao redor, outras fazendas, proprietários amigos, conhecidos e nada mais. O que costumava sacudir a vida da fazenda, ou era, um escravo que fugisse, para logo mais ser capturado por um capataz, ou então, algum casal de enamorados que fugia do lar e logo mais voltava para que fossem providenciados os esponsais. Fora disso, lembrava Alexandrino, uma outra atividade que movimentava o lugar, era a festa de Nossa Senhora, que era levada a cabo na pequena igreja da região. Todos os anos, era feita uma procissão em louvor à Maria. Havia uma peculiaridade no bairro, porque uma família por ano, era sorteada para ter a honra de levar sobre o andor da imagem, o pálio, o dossel. As quatro pessoas incumbidas de levar o dossel sobre o andor, eram da mesma família e essa honra era disputada pelos filhos dessa família através de brigas. Brigavam até que um dominasse o outro,

*Notável médium americano que viveu entre 1826 e 1910, que no ano de 1847, predisse o aparecimento do Espiritismo.

vencesse o outro e dava à sua família a honra de levar o pálio sobre o andor. Alexandrino, recordava, que desde onde a memória lhe permitia, a última vez que a família levou o dossel sobre o andor, coube à sua família. E lembrava ainda, o pai da casa, que ele só venceu a briga pela ajuda do seu irmão mais velho Olegário. Mas enquanto contava as peripécias de sua mocidade para os meninos, para os seus filhos, recordava-se do irmão mais velho, que agora fazia dez anos que não punha os pés ali, na fazenda Inferno do Monjolo Velho. Naquele momento de evocação, Alexandrino se pergunta em voz alta.

– Por onde andaré Olegário, meu Deus, por onde estará esse homem? Sempre teve o gênio ruim, sempre teve o fígado estragado. Onde estiver, embora seus setenta anos, deverá estar criando problemas, se estiver vivo, é claro. Quem lhe estará suportando a bile, mas se estiver morto, quem lhe terá fechado os olhos na hora extrema?

– Onde estarão sepultados os seus despojos?

Aquela pergunta, foi como uma ducha fria que caísse sobre a família ali reunida. Os meninos calaram, o bulício silenciou e os meninos achegaram mais próximos do pai assentado em uma cadeira de balanço. A mãe da casa parou de tecer, parece que todos sentiram um calafrio a lhes perpassar pela coluna vertebral. Os olhos marejaram, como ocorre conosco, quando sentimos medo de alguma coisa as lágrimas vêm aos olhos. Houve um silêncio enorme na sala e ninguém ousava sair dali para os quartos de dormir. Todos ficaram diante daquela evocação feita por Alexandrino.

– Se estiver morto, quem lhe terá fechado os olhos na hora extrema? Onde estarão sepultados os seus despojos?

Diante do silêncio, as pessoas escutavam nos ouvidos o pulsar dos corações, e logo mais, porque todas as coisas estranhas ocorrem à meia-noite, o relógio da Casa Grande batia exatamente a meia-noite. A cada badalada, os corações freíam de pavor. Lá fora, a chuva que caía pesada sobre a fazenda e os pássaros notívagos que cantavam na noite, provocavam um cenário apavorante. Mas, enquanto eles ainda não tinham se refeito daquelas emoções evocativas, alguém bateu à porta, foram batidas rígidas e os meninos se apertaram às pernas dos pais, entreolharam-se e disse a mãe da casa.

– Não vamos abrir. A Casa Grande fica

bem distante da entrada principal da fazenda. Quem baterá à porta? Pode ser um dos bandleiros quaisquer, para fugir da chuva querendo pousada. Não sabemos de quem se trata.

Todos se calaram, e agora a expectativa daquela criatura que batia à porta. E depois de alguns instantes ouviu-se novamente a mesma criatura bater à porta, insistente, acompanhada de uma voz às batidas.

– Oh de casa, oh de casa, sou eu Alexandrino, sou eu.

Alexandrino se pôs de pé, os filhos o acompanharam.

Aquela voz, aquela voz era por demais conhecida. O mais velho dos meninos, tomou o candieiro sobre a mesa, levou-o à altura da cabeça, para iluminar o vasto corredor que dava ensejo à porta principal da Casa Grande. O pai à frente e ele iluminando o caminho. O pai, retirou as trancas da porta e abriu as taramelas, e quando as bandeiras da porta se abriram, de par em par, diante deles estava um homem alto, magro, encharcado pela chuva, a cabeleira grisalha, quase que totalmente branca, guardada por um chapéu de palha encharcado pela chuva, as botas untadas de lama, literalmente molhado. Alexandrino não teve dúvida, abraçou o irmão ali na porta.

– Oh homem, por que mistérios dos céus acontecem, ainda há pouco estávamos falando de ti. Entre, por favor.

E a mãe da casa, já estava de pé para receber o cunhado. A casa voltou à plena clareza, acenderam-se todos os lampiões da sala e porque nas casas das fazendas, o fogão de lenha jamais se apaga, ela foi, revirou as brasas e colocou algumas achas de madeira para que o novo café fosse providenciado. As quitandas foram arrumadas sobre a mesa para o lanche do tio Olegário. Ela deu-lhe roupas limpas, secas, ele vestiu-se e voltou à sala para conversar com o irmão, com a cunhada, com os sobrinhos. O mais novo, que ele não conhecia, tinha menos de dez anos, assentou-se em uma das pernas do tio Olegário. Olhava-o de baixo para cima, embevecido, porque ouvira há muito tempo as histórias do tio Olegário, que passava pela fazenda, que brincava com os sobrinhos, que brigava, E ele agora ele tinha o ensejo de conhecer o tio famoso. A dona da casa, se levantava naquela azáfama de atender o cunhado, que certamente tinha fome. As horas se passaram, e dali a pouco a mãe da família disse ao marido e aos filhos.

– Deixemos o Olegário descansar, deixemos o tio dormir, afinal de contas, já são quase três horas da manhã.

E todos se deram conta das horas avançadas e Alexandrino disse na frente dos filhos.

– Olegário, pelas minhas contas, já tens setenta anos, ninguém tem a obrigação de suportar teu fígado ruim por aí. Daqui para frente, não sairás mais desta fazenda. Aqui é o seu lugar e de fato, o quarto de hóspedes é o melhor quarto da casa, venha ver.

E todos sorriram. Os sobrinhos foram levar o tio até a porta do quarto de hóspedes. Se despediu de todos, beijou o mais novo, trançou por dentro a porta com a tramela. Os sobrinhos foram para seus aposentos e a casa a custo voltou ao silêncio. Mas, o sobrinho mais velho de Olegário, não conseguiu conciliar o sono. Foram muitas as emoções, as narrativas do pai, a evocação do tio, a chegada do tio. Revirava-se de um lado para outro na cama. Já eram cinco horas da manhã quando o moço ouviu que alguém batia à porta. Levantou-se, para deixar os pais descansarem um pouco mais. Era um funcionário dos correios, que caminhara até ali para entregar um envelope com um telegrama. O jovem antes de entregá-lo aos pais, abriu-o, rasgou o lacre e retirou o telegrama. Leu-o ali, de pé, as palavras lacônicas que diziam: “Nesta madrugada faleceu em Sapezal Olegário Ferreira.”

O rapaz sentiu um frêmito, mas imediatamente lembrou-se da meninice de dez anos atrás. Lembrou-se de que todas as vezes que o tio ia para a fazenda visitá-los, tinha o cuidado de passar em uma agência telegráfica, emitir um telegrama para eles dizendo que estava em outro lugar, e quando a família descansava dele, ele chegava de surpresa. Pensava o rapaz: “– hoje o tiro saiu pela culatra, devido ao mau tempo de chuva, ele chegou primeiro que o telegrama.” Mas, a esta altura, em virtude do barulho de abrir a porta, a família estava toda de pé, porque nas Casas Grandes das fazendas, sempre se levantava muito cedo. E ele ali, com o telegrama na mão, foi compelido a entregá-lo ao pai, que leu-o. Os irmãos que estava de pé, acabaram por lê-lo e resolveram pregar uma peça no tio Olegário. Dois deles, chegaram à porta do quarto de hóspedes fechada. Tomaram distância e se arremessaram contra ela, para assustar o tio, escancarando a porta que se abriu de par em par. Quando a porta deixou à vista o quarto de hóspedes, este estava total-

mente vazio, a cama literalmente esticada, os lençóis intactos, não havia sinal de sequer um mosquito ali pousado nas últimas horas. A um canto do quarto, as roupas limpas de Alexandrino, dobradas como se nunca tivessem saído do armário. E as roupas molhadas, as botas untadas de lama, o chapéu de abas largas haviam desaparecidos como por encanto. A família se abraçou ali a porta do quarto de hóspedes. Os pequenos choravam, e se deram conta de algo estranhíssimo. Eles haviam convivido por quase três horas com um fantasma, tinham convivido com um ser que já não pertence a este mundo. E aquela ansiedade, aquela agonia, aquela angústia tomou conta da família, que tomou a providência de ir a um sacerdote, ao padre da igreja, que era conselheiro de todas as famílias católicas daquela região. E o padre, por sua vez, foi fazer-lhes uma visita, e ali assentado com a família, que era uma família honestíssima, digníssima cooperadora da igreja, ele teve o cuidado de dizer, “que certamente eles não estavam mentindo. Havia convivido com o tio, mas tudo não passara de uma ilusão, porque eles haviam evocado a figura do tio e tiveram a impressão de que o viram, tiveram a sensação de que com ele estavam, mas que isso”, na visão do padre, “não passava de uma ilusão.” Eles haviam sofrido todos, porque todos ouviram uma mesma história, uma ilusão. A dona da casa, mais lúcida, admitiu que pudesse ser uma ilusão coletiva, mas, por outro lado, pensou que ilusão não esvazia bule de café, nem come biscoito sobre a mesa, nem traça pedaços de bolo. Alguma outra coisa mais séria deveria ter acontecido, para que Olegário Ferreira tivesse vindo do além quando estava desencarnando em Sapezal e aparecer junto da família para dar notícia como nada estivesse ocorrendo.”

José Raul Teixeira, conclui dizendo: “Naturalmente esse episódio não é uma invenção. Um fato paranormal narrado por um dos escritores da língua portuguesa, Silveira Bueno, ao escrever a respeito de fatos paranormais ocorridos em sua família. O sobrinho mais velho de Olegário, que tomou o candieiro para iluminar a entrada, não era outro senão Silveira Bueno. Era o próprio escritor Silveira Bueno, que tivera o ensejo de ver, como dizemos, com seus próprios olhos o tio chegar e todos os acontecimentos que ali tiveram lugar. Mas, o que naturalmente a família não se dava conta é que já existia na Terra, a formosa **Doutrina dos Espíritos**, para explicar-nos as razões da vida e da morte.”

A observação, de José Raul Teixeira, nos dá conta que por séculos e séculos as luzes do saber estiveram sob o candeeiro, dando vazão às superstições e credices exóticas. O homem acreditava em tudo, lobisomens, fantasmas, almas penadas, demônios, bruxas, e tantas outras entidades criadas pelas mentes obscurecidas na ignorância. Quem nunca ouviu casos de casas mal-assombradas, de assombrações, ou ainda histórias de aparições de almas do outro mundo, lendas oriundas das superstições populares. São tantas que seria fastidioso enumerá-las aqui.

Mas, felizmente, ao alvorecer a época moderna, com o surgimento das luzes da Ciência, a ignorância começa a se desfazer cedendo lugar à razão e a inteligência lógica do ser humano. A fenomenologia espiritual, começa lentamente a tomar corpo demonstrando a existência do Espírito, mediante suas manifestações ostensivas entre os homens. Nasce a

Doutrina dos Espíritos, a demonstrar a realidade espiritual e coletiva, não mais o fantástico, o maravilhoso. A verdadeira realidade da vida do Espírito passa a ser melhor entendida, e explica o intercâmbio nos dois planos da vida, desta e da outra de além-túmulo. Afinal, em torno de nós, se reúnem grande número de Espíritos (Vide Paulo, em Hebreus, 12:1), que deveríamos acostumar-nos com a sua presença. Estamos rodeados por uma multidão daqueles que partiram antes de nós e que um dia nos reuniremos a eles. A comunicação entre os dois mundos segue sua trajetória na eternidade dos tempos. Independentemente de se *crer, ou não se crer*, os Espíritos conosco convivem e interagem, muito mais do que possamos imaginar (Vide Q. 459 – *O Livro dos Espíritos*). Há um dístico espanhol, que de forma jocosa e divertida, nos mostra esta grande realidade; “*Yo no creo en fantasmas, pero los hay, los hay.*”

Graças a Deus!

Mais

Reunião pública de 02/02/1959
Questão no 716*

O «mais» é sempre a equação nas contas da Lei Divina.

Ao criar a criatura, determinou o Criador tudo se crie na Criação.

Por isso mesmo, a antiga legenda «cresci e multiplicai-vos» comparece, ativa, em todos os planos da Natureza.

Entreguemos o fruto nutritivo aos fatores de desagregação e, em poucas horas, transformar-se-á em bolo pestífero.

Ajudemos a semente preciosa, amparando-lhe a cultura, e, no curso de algum tempo, responsabilizar-se-á pela fartura do celeiro, transfigurando pântanos e charnecas em campos de flor e pão.

É assim que o mesmo princípio se revela, insofismá-

vel, em todo o caminho humano.

Cede a lente de teus olhos às arestas do mal e, a breve espaço, não apreenderás senão sombras.

Entorpece a antena dos ouvidos no enxurro da maledicência convertida em lama sonora, e acordarás no charco da calúnia, aviltando a ti mesmo.

Fase da língua instrumento de críticas incessantes e acabará guardando na boca uma placenta envenenada, servindo à parturição da crueldade e do crime.

Conserva os braços na estufa da preguiça, e terminarás a existência transpirando bolor e inutilidade.

Entretanto, se te confias ao amor puro, buscando estender-lhe a claridade sublime, através do serviço aos outros, atrairás, em teu próprio favor, a influência benéfica de quantos te observam as horas, entre a simpatia e a cooperação, acrescentando-te possibilidades e forças para que transformes a vida num cântico de beleza, a caminho da esfera superior.

Do que escolhas cada dia para sentir e pensar, encontrarás auxílio para falar e fazer.

Assim, pois, vigia o coração e fiscaliza teus atos com a lâmpada viva da lição de Jesus, porque terás sempre mais do que faças, em colheita de treva ou luz, conforme a tua sementeira de mal ou bem.

Emmanuel
Item 9

Religião dos Espíritos
Psicografia de Chico Xavier

*Mediante a organização que nos deu, não traçou a Natureza o limite das nossas necessidades?

“Sem dúvida mas o homem é insaciável. Por meio da organização que lhe deu, a Natureza lhe traçou o limite das necessidades; porém os vícios lhe alteram a constituição e lhe criaram necessidades que não são reais.”

Allan Kardec
Questão 716

O Livro dos Espíritos.

Siga a Folha

<http://twitter.com/FolhaCaixeta>



**Banca do Livro Espírita
“Chico Xavier”**

Segunda à sexta - 9h às 18h
Sábados - 10h às 12h
Av. Antônio Carlos s/n.
Araxá/MG

EDUCAR MORALMENTE NA ERA DA TECNOLOGIA

Por Daniele Barizon¹
Priscila Couto²

Desde que a internet passou a integrar o cotidiano, o acesso à informação e ao conhecimento tornou-se muito mais dinâmico. Com os recursos digitais utilizados de maneira intensa, a comunicação ficou mais rápida, democrática e, ao mesmo instante, complexa. Isso porque, após granjearem espaço no lar, as ferramentas *on-line* trouxeram consigo inúmeros benefícios, mas também desafios que precisam ser vencidos. Dentre estes o excesso de uso, a distração exagerada e a expansão do ambiente de trabalho para casa (sobretudo com a pandemia), que interferem significativamente no convívio doméstico. O que nos leva a questionar: que cuidados devemos ter em relação aos filhos nestes novos tempos?

A preocupação é natural e saudável. Benedita Fernandes, sob a psicografia de Divaldo Franco no livro *SOS Família*, nos anos 1990, já indicava a tecnologia entre as alienações que atuam como fatores de desagregação infanto-juvenil – deixando claro que a ela se somam outros elementos, mais antigos e característicos de uma coletividade imperfeita, tais quais a criminalidade, a violência, a falta de ética e os exemplos perniciosos, assim como a indiferença e os desequilíbrios emocionais dos pais e responsáveis.

Se, por um lado, a conclusão denota que não é o instrumento tecnológico (por si só neutro) o causador do mal, e sim seu emprego sob reflexo dos nossos próprios vícios, por outro, há que se considerar

que, sendo mais fácil hoje o contato com conteúdos nocivos, o zelo deve sim, ser redobrado.

A infância e, principalmente a juventude, períodos marcados por incerteza e instabilidade, carecem de total atenção. É normal que os menores, pela pouca experiência, tenham propensão a vivenciar os sentimentos de modo mais abundante, potencializando a dor e o sofrimento, que encontram eco na atmosfera virtual onde jazem perigos como o ódio e o *cyberbullying*.

Como solução, a autora espiritual conclama-nos a resolver o problema pelo método mais eficaz: a educação. Emmanuel, por sua vez, respondendo à questão 110 de *O Consolador*, revela que a melhor escola de preparação para o desenvolvimento moral dos Espíritos, forjando caracteres e encorajando hábitos que se refletem na formação social, é a família.

Por isso, levando em conta o conselho de Chico Xavier, “não deixemos o diálogo amigo tão somente para os dias de aflição”. Façamos uso dele diariamente, “de forma preventiva e curadora, e perceberemos o quanto conseguimos realizar verdadeiros prodígios de tranquilidade em favor da paz”.

Cuidar da educação moral daqueles colocados sob nossa tutela, conversar, impor limites, exemplificar no dia-a-dia, falar com franqueza, para que os filhos compreendam que existem frustrações, este é o nosso papel. Moldar o vaso vivo, traçando-lhe noções de justiça e fraternidade, oferecendo segurança e amor, é o melhor remédio em qualquer época, contribuindo para uma sociedade regenerada e feliz – seja

qual for o obstáculo.

Por fim, não caíamos na armadilha de demonizar a rede. Busquemos, ao contrário, nos valer dela em seu aspecto positivo: conexão, encurtamento de distâncias, sensação de pertencimento e acolhimento através de grupos de apoio, e divulgação de mensagens otimistas e ações de esclarecimento, inclusive sobre a Doutrina Espírita.

¹ Jornalista e Expositora Espírita - Centro Espírita Caridade e União - Três Rios/RJ.

² Bióloga e Expositora Espírita - Centro Espírita Caridade e União - Três Rios/RJ.

- O período infantil é o mais importante para a tarefa educativa?

- O período infantil é o mais sério e o mais propício à assimilação dos princípios educativos. Até aos sete anos, o Espírito ainda se encontra em fase de adaptação para a nova existência que lhe compete no mundo. Nessa idade, ainda não existe uma integração perfeita entre ele e a matéria orgânica. Suas recordações do plano espiritual são, por isso, mais vivas, tornando-se mais suscetível de renovar o caráter e a estabelecer novo caminho, na consolidação dos princípios de responsabilidade, se encontrar nos pais legítimos representantes do colégio familiar. Eis por que o lar é tão importante para a edificação do homem, e por que tão profunda é a missão da mulher perante as leis divinas. Passada a época infantil, credora de toda vigilância e carinho por parte das energias paternas, os processos de educação moral, que formam o caráter, tornam-se mais difíceis com a integração do Espírito em seu mundo orgânico material, e, atingida a maioridade, se a educação não se houver feito no lar, então, só o processo violento das provas rudes, no mundo, pode renovar o pensamento e a concepção das criaturas, porquanto a alma reencarnada terá retomado todo o seu patrimônio nocivo do pretérito e reincidirá nas mesmas quedas, se lhe faltou a Luz interior dos sagrados princípios educativos.

Emmanuel

Questão 109 de *O Consolador*
Psicografia de Chico Xavier